

1 9 2 7

JANEIRO-FEVEREIRO- N. 1

musical, devem ser executados, não só nas lições especiaes de musica, mas tambem nos diversos movimentos da escola: á entrada, á sahida, durante as evoluções e as mudanças de exercicios."

Infelizmente, nesse particular, somos de uma pobreza franciscana. Nada que lembre a vida patriotica das Alagôas, nos seus grandes homens e nos seus nobres feitos; nada que desperte o enthusiasmo pelo que é nosso—as bellezas sem par das nossas lagôas e das nossas praias; a magestade da Cachoeira de Paulo Affonso e a sua formidavel potencialidade industrial; a labuta dos cannaviaes, verdejando pelos valles e pelas encostas dos montes a esperança radiosa da fartura e da prosperidade; a vida das nossas fabricas, transformando todos os dias os capulhos dos algodões em tecidos varios que exportamos abundantemente; o viver original do nosso sertanejo, apegado á tradição avoenga; a alegria e a tranquillidade dos nossos campos; a recordação perenne do passado no que elle tiver de educativo, a gloria do presente no que elle tiver de suggestivo e ennobecedor, as esperanças do futuro da terra e da gente, realisando as conquistas rutilas da civilisação.

Nada disso, que seria educativo, os nossos bardos poetisaram para que as crianças cantassem nas escolas publicas.

O que nellas se canta é de importação. E nem sempre um bom criterio preside a escolha. Pois não vemos diariamente as meninas dos grupos escolares cantar aquella canção bellicosa, na qual, ha rufos de tambor e o voto guerreiro de que cada uma dellas se torne um bom soldado?

Annos ha ouvi em S. Paulo, num grupo escolar, a canção do café.

As crianças cantavam a labuta dos cafeeiros, a floração, a mamoeira, o ensacamento, pelo porto de Santos, os guerreiros europêos. Era o canto lindo de um exercicio de gymnastica sueca, com movimentos adequados ás diffe-

rentes phases da industria cafeeira. E a petizada cantava alegremente a riqueza da terra natal, descrevia cantando a vida agricola de S. Paulo, e ao mesmo tempo que exercitava os musculos, aprendia todas as modalidades da lavoura da preciosa rubiaceia e os seus detalhes industriaes e mercantis.

Era uma lição e era um incitamento da escola á infancia em pról da agricultura.

Já pedi a um dos nossos poetas composição semelhante sobre a canna, Riu-se, achando o assumpto demasiado prosaico... Desanimei.

Na direcção da Instrucção Publica está um homem de talento—pedagogista e poeta. Sob sua orientação o ensino primario tomou novo rumo. Bem podia elle volver sua attenção para o assumpto—o canto nas escolas. E, conclamando os nossos poetas, dar-lhes-ia themas escolares para composições poeticas, a concurso.

Duas dezenas de hymnos e canções, musicadas pelo professor Regadas, seriam obrigatorias em todas as escolas. E o canto em nossas casas de ensino, celebrando o que fosse nosso, teria então todas as suas qualidades educativas—physicas, moraes e civicas. As meninas não quereriam *ser soldados*, porque os nossos poetas, de certo lhes incutiriam no espirito aquellas grandes virtudes domesticas que formam as mães de familia.

Um dos motivos de exito da escola primaria allemã foi o canto. Lá as crianças cantam desde o primeiro dia escolar, obedecendo as regras da entonação e do rythmo, todas as glorias germanicas e todos os themas educativos populares.

Aqui, nos grupos escolares, já se consegue alguma coisa. Na escola isolada não ha nada.

E' preciso generalisar o canto. Generalisal-o e systematisal-o, tornando-o uma fonte perene de ensinamentos moraes, de educação civica e da alegria nas escolas.

CRAVEIRO COSTA.

O RIO E A LOCOMOTIVA

A uma locomotiva que subia
 E serrava, pesada, serra acima,
 Um rio desfiava esta obra prima
 De chan philosophia :
 — “Por que razão fazes tamanho esforço ?
 Porque esse desbarato de energia ?
 Vê como me desvio, encurvo e torço
 E como corro descuidosamente
 Sob o verde frouxel da ramaria,
 Livre dos “a a” mais “b b” da engenharia.

Porque, afinal, a vida
 Não vale a pena dessa luta ingente :
 E’ mais commoda e logica a descida.
 Em vão trabalhas, resfolegas, súas
 Sobre esses trilhos de aço temperado,
 Que no sommar das contas te extenuas
 E não te dizem nem muito obrigado” . . .

Sem responder, a machina apitou,
 Os complicados membros agitou
 E, vomitando fumo em gorgotões,
 Partiu para a conquista dos sertões.
 Partiu, mas, tanto ou quanto impressionada
 Da eloquencia e do fogo do discurso.
 E, subindo, pensava a desgraçada :
 — “O rio tem razão, mudo de curso” —

Ao voltar, no outro dia,
 Disposta a aquella vida abandonar
 E dar-se ao “deus dará” da bohemia,
 Sentia até vontade de . . . apitar !
 Mas, teve um calefrio,
 Ficou em termos de descarrilhar
 Quando, chegando á praia, viu que o rio
 Tinha sido tragado pelo mar !

Ad. Marroquim.

O LAR E A ESCOLA

(These apresentada, em 1913, ao 3.º Congresso de Instrução Primaria e Secundaria da Bahia)

THESE VII

DE que mais depende o aproveitamento dos alumnos no ensino publico : da aptidão pedagogica do professor ou da intelligente collaboração da família ?

Desde o momento em que, entre os alvoços das mais intimas alegrias e inexprimeis sobresaltos dos parentes, surge uma criança para a vida, até a hora em que tem de se fazer sua iniciação nas aulas, depara infinitos modos de adquirir um acervo extraordinario de noções a respeito de tudo que a circunda, grangeando um cabedal avultado de principios e conhecimentos, que, quantitativamente, só mediante esforço sobrehumano, poderão ser ultrapassados nos dias ulteriores.

Desde a impressão primeira que a retina recebe, quando é ferida pela luz, até os primeiras contactos com a natureza durante um passeio ao campo, tudo são revelações pasmosas para o menino, cujos conhecimentos de factos concretos vão se ampliando extraordinariamente, graças á sua turbulenta actividade e ao espirito indagador dos annos mais tenros.

Nessa curiosidade, tantas vezes burlada, mediante respostas inexactas a perguntas carecentes de explicações sinceras ou precisas, tem o menino o melhor auxiliar de seu desenvolvimento mental igualmente integrado nos seus folgares de que a sciencia tem recebido valiosos e inestimaveis subsidios. Si attendermos a que as crianças têm o instincto imitativo grandemente desenvolvido, ver-se-á como vão ellas se affeiçoando, na esphera restricta do lar, á pratica de certas acções, e, por consequencia, obtendo conhecimentos, cuja vastidão pode-se reputar immensuravel. Accresce

tambem que a mente grava mais profundamente todas as impressões recebidas na idade pueril, ao passo que, á proporção que os dias da existencia decorrem, aquellas são muito mais fugazes e muito menos duradouras.

A superioridade do lar na obra da educação ressaltaria, nitida e incontestavel, das asserções acima expostas, si outros factos não a tornassem ainda mais frizante e patente. De longa data vem esse conhecimento da preeminencia domestica, notadamente no que concerne á mãe de familia.

E muitos dos maiores typos da humanidade, como Platão, Graccho, S. Agostinho, S. Luiz, Henrique IV, Bonaparte, Watt, D'Alembert, Bacon, Condorcet, Cuvier e Buffon relembram o valor directo dessa influencia materna, da mesma forma que Pepino e Breve resalvam a hereditariedade paterna de um amesquinhamento, que absolutamente não é tão extenso, quanto se pretende. André Angiulli confirma plenamente, nas seguintes palavras, a nossa maneira de pensar: "A escola é insufficiente sem a familia; na familia está o *substratum* da educação fisica, intellectual, moral, estetica, religiosa. Nella se tecem os primeiros fios do estofa mental de que dependerão todas as actividades do homem. Nella se concentra, portanto, todo o problema pedagogico, o qual não poderá ser resolvido plenamente, sinão quando houver uma continuidade e uma homogeneidade de desenvolvimento e conteúdo na triplice gradação educativa, que o homem percorre, da familia á escola, e desta á sociedade, isto é. quando a familia for uma preparação para a escola e esta uma preparação para a vida collectiva.

Sem a familia a educação carece de base, sem a sciencia carece de norma e de cri-

terio. Mas a educação da família pertence, maximamente nos seus estados primitivos, á mãe. Da mãe recebe o homem o primeiro alimento, a primeira sensação, a primeira palavra a primeira idéa, toda aquella serie de elementos físicos e psychicos, de que se formam o complexo da sua actividade mental. A mãe educa, ao mesmo tempo, com o espirito e com o coração, com o preceito e com o exemplo; só ella é inseparavelmente educadora do intellecto e do sentimento. A doçura na expressão de affectos inexcediveis, a paciencia, a constancia, a diligencia, o amôr da ordem, o sentimento do dever e do sacrificio, tudo isso a mãe insinúa n'alma da creança, justamente com as primeiras impressões da vista e do ouvido.

Muitas vezes se repete que sobre os bancos da escola se decide o futuro de um povo; nós diremos antes que elle se assenta sobre os joelhos das mães. Nada pode substituir a mãe; como nenhuma escola pode substituir a família.

A família é educadora a muitos respeito.

Si nos detivemos a considerar principalmente o papel educativo da mãe, não pretendemos escurecer a importancia da obra paterna na educação da família. Mas a obra do pae começa mais tarde e não diz respeito a todo aquelle complexo de impressões, de sentimentos, representações, de cuidados hygienicos, que pertencem á mãe e preparam a formação física e moral do homem.

As primeiras impressões do tacto, da vista, do ouvido, do gesto, recebem-se nos braços da mãe; o primeiro sorriso do infante em que se revelam os primeiros triumphos da alma, reflectem o sorriso de mãe. O pae apparece como principio de autoridade, de lei, de sabedoria, de ordem, ante o qual deve se curvar a vontade da creança. A mãe é-lhe mais intima, mais achegada; o pae é superior.

.....
Só na família está, pois, a educação de

todo o homem; a repressão do egoismo, a disciplina da ordem, da autoridade, e da igualdade, a génese dos affectos generosos, desinteressados, a preparação para a vida civil."

Essa influencia incontrastavel tem muitas outras faces pelas quaes demonstra as maiores vantagens, auferidas pelo menino dentro da casa paterna, em assumptos de educação intellectual. O lar, pela multiplicidade dos trabalhos que ahi são feitos, agrupa no recinto de seus maiores compartimentos, uma complexidade admiravel de objectos, observando os quaes, a creança aufere ensinamentos preciosos sob a forma mais amena e menos displicente, afastada de seu espirito a idéa, tantas vezes enfadonha, da execução de uma tarefa. Alli a attenção, tão difficilmente captivada nas classes, se exercita, por modo fecundo e pasmoso, na indagação de mil factos que rodeiam o menino. Quando este transpõe o limiar da escola, leva intuitivamente adquiridas noções das cousas, das formas dos objectos, da utilidade e do destino de certos apparatus, bem como a idéa do numero, de que o debil infante sente despontar, na opinião de Augusto Comte, a primeira concepção ainda quando se nutre ao seio materno. E todos estes principios lhe advem naturalmente, sem esforço, no intervallo dos folgares em que a creança dissipa as exuberancias de sua extraordinaria actividade sem rumo. Alli tambem encontra ella mil occasiões de conhecer detidamente factos de que na escola não ouvirá falar sinão raras vezes. Nenhum ambiente é, por conseguinte, mais proprio á expansão integral de uma individualidade, nem mais aptos a fazer germinar os talentos de que é dotado um ser. E tanto é assim que a historia regista haverem tido muitos dos nomes mais gloriosos do mundo a ventura inegalavel de gosar, nos dias primaveris da meninice, de uma ambiencia distincta, suggestiva e inspiradora, sobre a qual imperavam mulheres dotadas de grandes prendas de coração e de espirito.

Muitos artistas avigoraram, na tepidez do concheiro caseiro, durante os albores existenciaes, as aptidões que, mais tarde, os immortalisaram. Estadistas illustres, que assombraram o mundo pela firmeza intremula do animo e pela genialidade de suas concepções, obedeceram mais na meninice á influencia do lar domestico do que á doutrinação da escola. Pitt não se fez orador nos torneios escolares: robusteceu-lhe a vocação ou talvez suscitou-a, seu pae, que o obrigava a repetir de pé, durante as refeições, as predicas dominicaes a que assistia. Essa predominancia poderosa e singular que o ambiente domestico alcançou sobre um individuo deve ser sufficientemente aquilatada, porque é muito superior á da escola, mesmo quando ella tem a dirigil-a a vocação mais decidida e abnegação mais indiscutivel de um professor a quem agrada o "ferreo tinir da palavra dever."

Ao passo que grande copia de homens preclaros tem logo, a pouca distancia do berço, a direcção indispensavel para mais tarde maravilhar o mundo, conta-se por legiões o numero daquelles cujo talento a escola desconheceu totalmente e de outros que ella não pode favorecer em seus primeiros surtos.

Hogarth, David Wilkie, Isaac Newton, João Huntr, Pietro de Cortona, Thomaz Guidi, Adão Clarck, Dean Swift, Cook e Sheridan ou não se revelaram na escola, ou dalli sahiram com a fama désairosa de estupidos. De Walter Scott disse um professor: "Este rapaz é um asno e morrerá asno". Chatterton foi recambiado á sua mãe, como uma creança rude, que nunca se haveria de distinguir. Goldsmith se chamava a si mesmo, uma plan'ta tardia. Alfieri e Howard eram obscuros. De Humphrey disse Carden: "Durante o tempo que o tive como discipulo, nunca pude discernir no seu espirito as faculdades por que elle se ha tornado tão distincto". E o proprio Humphrey declarou, posteriormente, que considerava uma grande felicidade te-

rem-no deixado gosar a liberdade de estudar tão pouco, quando esteve na escola. Todos esses exemplos hauridos nas paginas singelas do moralista ing'ez Samuel Smiles, corroboram a convicção daquelles que attribuem a obra da civilização do mundo á mãe de familia, dando á escola uma importancia um pouco mais secundaria. Em verdade, as qualidades dominadoras da familia são indiscriptiveis e resaltam á vista, mediante a analyse mais perfuntoria. Por isso, quando a sua orientação é bôa e sã, pôde contribuir para que se prescindia absolutamente da escola; quando é má, torna-se estorvadora para o proprio individuo, que a ella obedece e o inutiliza muitas vezes pelos exemplos viciosos que dissemina.

Além de ser ella mais intensa, porque, como já frisamos, actúa no momento mais proprio, talvez para perdurar indefinidamente, contrabalança e ás vezes annulla, no periodo escolar, a autoridade que o mestre conseguiu obter, porque os ensinamentos deste, podem vir a ser invalidos por doutrinas oppostas aconselhadas no regaço domestico.

E', portanto, indubitavel, e vale a pena ser proclamado, que o poder paterno ou materno, no ambito da familia, concorre mais valiosa e efficazmente para a cultura de um espirito do que a autoridade magistral, no recinto da aula.

Quando a criança transpõe os portões da escola, trazendo muitas vezes a idéa aterradoradora de que alli deve expiar todas as travessuras praticadas até então, sente-se transportada para um meio, que é, indiscutivelmente, muito mais restricto do que aquelle a que se affizera. Por mais que a pedagogia moderna encha os salões das aulas de objectos destinados á amenização do ensino, a escola, para o maior numero de alumnos, será pouco menos que um carcere.

E' talvez que alli o cerebro infantil onde o discernimento é apenas incipiente, accete, como malevola imposição, um

exercício qualquer alacrememente feito ou repetido em casa diante dos irmãosinhos, cujos olhos se dilatam, revelando uma atenção completamente absorvida. A demais, si a convivência com um numero crescido de condiscipulos tem a vantagem indiscutível de suscitar a emulação, o facto de ser sempre pequeno o numero de crianças numa casa de familia torna possível que a cada uma dellas se dispensem, na tarefa de desenvolver-lhes a mentalidade, maiores cuidados e mais demoradas canceiras, desde que haja bons estímulos por parte dos pais, que não deixam o mistér da educação dos filhos exclusivamente ao cargo dos mestres. Foi a reprodução da vida domestica tentada com muito exito pela criação genial de Froebel, e, posteriormente, para o ensino secundario, num dos mais conceituados collegios francezes, o collegio de Rochas, onde os alumnos, em numero relativamente diminuto, tinham para dirigir-os um grupo proporcionalmente elevado de preceptores, de modo que os jovens allí internados encontravam a cada passo quem lhes satisfizesse as constantes interrogações e lhes transmittisse igualmente fóra das aulas muitas e valiosas noções. E segundo o depoimento de uma testemunha de notoria capacidade, foram os mais preciosos os fructos colhidos de semelhante systema educativo.

Por todas essas considerações, somos de parecer que a intelligente actuação do lar domestico é muito mais importante do que a obra puramente didactica do mais abnegado professor, no que concerne ao desenvolvimento intellectual da puericia.

A recente sciencia da pedologia suppleta auxilios extraordinarios a essa convicção. Faria de Vasconcellos, em suas excellentes *Lições de Pedologia Experimental*, regista varias observações e conclusões, que delatam, de modo insophismavel, o grau, até certo ponto, nocivo da escola. Apoiado na autoridade de Binet, prova que a actividade organica infantil diminua na escola com a attenuação do appeti-

te, evidenciando que ao mesmo resultado chegou Schuyten.

Em outra passagem de seu livro, diz o mesmo professor da Universidade Nova de Bruxellas que, de conformidade com as pesquisas de Niceforo, consignadas em tabcas anthropometricas, são precisamente os estudantes, comparados ás outras profissões e condições sociaes, que têm o menor desenvolvimento thoracico, devendo ser attribuido isso ao insufficiente exercicio muscular e á permanencia demasiada longa, em recintos fechados. Tambem, consoante o mesmo professor, Schmid-Monard averiguou uma diminuição no desenvolvimento normal da criança, em peso e em estatura, desde a sua entrada na escola, affirmando que as crianças da mesma idade que não frequentam aulas, se desenvolvem mais rapidamente do que as que frequentam.

E outras autoridades como Carstad, Zeising, Axel Hey, citados por Vasconcellos, delatam, com o testemunho insuspeito de observações meticulosas, essa influencia deprimente da escola em relação ao desenvolvimento physico do menino, ao mesmo tempo que Schuytem affirma que o psychismo infantil é atacado desfavoravelmente no regimen escolar. São do professor já citado as seguintes palavras: Schuyten procura experimentalmente uma expressão espontanea, livre, do psychismo da creança antes e depois da escola primaria. Para esse effeito escolheu um desenho cujo sugeito era um boneco e reuniu para cada meio anno de idade, dos 3 annos aos 13, 100 desenhos, o que dava ao todo 4.000 desenhos, 2.000 para cada sexo.

Schuyten distribuiu pelas crianças de diferentes jardins de infancia e escolas, pequenos quadros de papel do mesmo tamanho (16 x 10 cm, 5) em que as crianças desenhavam a lapis absolutamente livre o assumpto escolhido. As experiencias de Schuyten duraram 3 annos e levaram-n'o á constatação de factos dum real interesse psychologico; o que importa essencialmen-

te é a maneira como o tamanho dos desenhos que foram medidos em altura, largura e nos principaes detalhes, varia com a idade.

Schuyten nota ainda, pela medida das distancias apresentadas pelo desenhos entre as proporções ideias estabelecidas pelos canones artisticos, que igualmente era aos 6 e 6 1/2 annos, que o senso artistico recúa sensivelmente. Schuyten explica assim a influencia deprimente da escola sobre a creança: No jardim froebeliano a creança gosa de uma grande somma de liberdade de movimento, vive sem occupaões e é educada por mulheres, o que não a afasta muito da mãe.

Quando chega depois á escola primaria, sem jardim, sem jogos, sem movimento, cheia de disciplina, de severidade, de noções serias, com um minimo de objectividade, a creança desillude-se, contrahe-se, atemorisa-se, receia ver, ouvir, fallar, mexer-se, é reprehendida severamente, sem muitas vezes saber porque, o que acaba por crear nella um estado de alma pessimista em harmonia com o meio artificial de que faz parte integrante.

Deste modo, em tudo o que fizer se ha de repercutir a sua psychologia trasnviada, e, por isso se comprehende a acção manifestamente deprimente da escola actual sobre a creança.

As raparigas não são as que mais sofrem”.

Conclusões como estas obtidas por tantos homens de sciencia nos dominios da pedologia, talvez que já tivessem todas sido empiricamente feitas pela percepção finissima das mães de familia, conscientes de sua altissima funcção.

E outras muitas poderiam ellas apresentar, porque, em verdade, o que o medico chega a descobrir, em suas incursões pela escola, não é muito mais avultado do que aquillo que o instincto materno, na analyse quoti-

diano da entidade do filho, pode averiguar.

A esse respeito, portanto, as informações oriundas de procedencia domestica revelam de forma inequivoca o inestimavel subsidio trazido pelos paes aos mestres, desde quando uns e outros não se distanciem nem deixem de mutuar impressões de que mil proveitos auferirá a creança em seu triplice desenvolvimento.

Embora a preocupação exclusiva do professor deva ser educar, no recinto da escola a sua attenção deve volver-se para um numero crescido de pessoas e, por mais meticuloso que seja o preceptor, não póde attingir o conhecimento pleno da psychologia de todos os seres confiados á sua vigilancia.

Aos paes deixaram-se mais reiteradas occasiões de prescrutarem a alma dos filhos.

Por isso mesmo nas averiguaões pedologicas são avultosas e relevantes as conclusões tiradas por aquelles a respeito de uma creança.

Para esse fim, si não dispõem de *tests* que registam, com precisão, o grau de desenvolvimento intellectual, ou de aparelhos para medir a força do entezinho de que se preocupam, tem, em compensação, um numero infindavel de dias para uma observação minudente, numa doce e encantadora intimidade, que a escola jamais poderá estabelecer. Até o presente momento suppuzemos, no desdobramento de nossa these, que o nivel do lar domestico fosse mais ou menos o da escola primaria.

Mesmo quando não o seja, e se ache nos meios incultos, em altitude menos proeminente, urge eleva-lo até a categoria da escola.

Só por esse modo poder-se-á conseguir o maximo de proficuidade na educação com o minimo de dispendio de energias domesticas e escolares.

Para conseguir semelhante *desideratum*, é preciso delinear com precisão os deveres dos mestres para com os paes e os destes

para com aquelles, de modo que haja uma convergencia perfeita de esforços simultaneos para o mesmo fim nobilissimo.

O professor canadense J. L. Hughes traçou, no seu trabalho sobre *Erros no ensino*, as principaes regras que devem inspirar e dirigir essa conformidade de intuitos, explicando nos seguintes aphorismos quaes os deveres do instituidor primario para com o pae de familia:

1.º—E' um erro deixar que os alumnos se comportem mal habitualmente sem avisar os paes ;

2.º—E' um erro incommodar os paes sem necessidade;

3.º—E' um erro mostrar-se irritado ao tratar com os paes;

4.º—E' um erro discutir com um pae zangado em presença da classe;

5.º—E' um erro fazer observações maliciosas diante da classe a respeito de bilhetes recebidos dos paes;

6.º—E' um erro desprezar as oportunidades de despertar o activo interesse cooperativo dos paes em alguma empreza escolar.

Demonstrando a certeza de uma proposição, diz elle que deixar de avisar os paes da má conducta habitual do filho é fazer que uma notificação final faça duvidar do espirito de justiça do mestre.

Desenvolvendo outra, affirma que, sempre que houver precisão de motivar o incommodo a que allude, é conveniente valer-se o preceptor de euphemismos que attenúem o effeito da queixa articulada contra a criança.

Onde, porém, o senso pratico do illustre pedagogo canadense se revela em toda a sua plenitude é na explanação do ultimo dos aphorismos citados. Eil-a :—“O interesse sympathico, como tudo que é bom desenvolve-se melhor pela actividade.

Somos mais interessados pelas pessoas ou instituições, em favor dos quaes mais temos feito.

O professor deve intentar quantos meios seja possivel para offerecer aos paes en-

sejo de fazer alguma cousa em pról ou em connexão com a escola.

Promova elle pic-nics annuaes, jogos, exercicios militares e exhibições de gymnastica, dias de plantar arvores e flores, prestitos escolares, soirées, etc.

Deve sempre dar aos paes uma parte no preparo e na execução.

Seja o que todo professor, especialmente nos districtos ruraes, deve ser, o centro de inspiração da cultura intellectual, no districto, em que estiver situada a escola, Esses deveres do mestre são correlatos com os deveres da familia,

E essa correlação evidencia a necessidade fundamental, proclamada por Herbert Spencer, da educação pedagogica dos paes de familia, que devem cooperar com o professor na preparação dos homens do futuro, não só acompanhando, com vigilantes cuidados, o desenvolvimento completo da criança, como tambem reforçando, perante esta, a autoridade do mestre, sem jámais procurar suppôr seu arbitrio ás determinações dos regulamentos escolares, que formam a conducta dos instituidores primarios.

E dessa propaganda têm de se incumbir principalmente os membros do magisterio, que da victoria de suas ideias tendentes a suscitar uma nova orientação nos responsaveis por seus alumnos muito lucrarão, tornando menos arduos os seus espinhosos encargos.

Consequindo, embóra parcialmente, o intuito que visa unificar nos mesmos designios aquelles que têm o onus da direcção de um pequeno ser, a missão do mestre simplificar-se-á immensamente e os seus encargos perderão o character exauriente que sempre tiveram.

Revocar a familia aos seus deveres de cooperação com a escola é desembaraçar o professor dos maiores estorvos, que, em todas as partes, lhe têm sido antepostos.

Obter concurso tão inestimavel para um fim tão grandioso é crear para a patria um futuro risonho, que hoje só poderá ser

antevisto através do prisma das utopias, embora tenha de ser realidade esplendida em tempos, que talvez não venham muito distantes.

Oxalá que todos aquelles que se interessam pela remodelação physica, moral e intellectual da população deste paiz opulento, pugnem por um fim tão util e consorcem, na mesma congenie de aspirações e de intuitos, o lar, que dá origem ás civilizações imponentes, e a escola — o templo onde, depois de vigílias fatigantes, é o homem armado cavalheiro para as rudes pelejas da vida.

Assim acontecendo, breve sobrevirá o dia em que a familia confie á escola um alumno seriamente encaminhado em sua educação, e a escola restitua á sociedade um homem util, esclarecido, dotado de virtudes solidas entre as quaes não serão de menor vulto as que se referem ao cabal desempenho dos deveres civicos.

Pae e mãe, collimando o mesmo escopo, sobraçarão assim previamente a faina dos instituidores primarios. E os instituidores primarios, mediante a simplificação de sua tarefa, entregarão á sociedade homens uteis e educados na verdadeira accepção da palavra, realisando o ideal dos povos que marcham á vanguarda do progresso mundial.

CONCLUSÃO :

(Appensa á dissertação escripta sobre a these VII).

Estando provado que a cooperação dos paes na obra educativa das crianças é quasi indispensavel, o 3.º Congresso de Instrucção Primaria e Secundaria, reunido na Bahia, formúla sinceros votos para que todos os amigos do ensino se empenhem na obra meritoria de promover a educação pedagogica da familia, de modo a conseguir que esta collabore efficaizmente com os professores no arduo exercicio de seus mistéres.

Cidade do Salvador, 9 de julho de 1913.

Francisco Moreno Brandão.

PARECER SOBRE A THESE VII

“De que mais depende o aproveitamento dos alumnos no ensino primario : — da aptidão pedagogica do professor ou da intelligente collaboração da familia ?”

Desenvolve o autor a sua these dando á mãe de familia o grande, o maior papel na função educativa.

E' o seu trabalho um eloquente hymno ás mães, a cujo influxo amavel e doce devem as crianças o maximo de sua educação moral e mental.

Em copiosas citações e exemplos dá largas a seu pensamento. Comparando o lar das familias com a escola, attribue a esta não só o retardamento das crianças na acquisição dos conhecimentos que nella deve encontrar, mas ainda um logar onde as crianças se depauperam physicamente : um quasi carcere.

A escola para o autor está em plano secundario.

Ha nisso pessimismo manifesto contra a escola, que, ainda sem os meios artificiaes que lembra, lhe podia merecer um pouco mais de apreço, sem de leve diminuir a extraordinaria influencia que, na educação e aproveitamento mental das crianças, tem a familia.

Comtudo, á sua conclusão, que é um appello á educação das mães de familia para a sua efficaiz collaboração em proveito dos arduos deveres de professor, parece-nos no caso de ser adoptada, sem prejuizo da conclusão de outro trabalho sobre a mesma these.

Antonio Carneiro da Rocha.

Julia Clara de Souza Rabeilo.

Cassiano Gomes.

Relator

NOTA.—Esta dissertação, apesar de apresentada ao “3.º Congresso de Instrucção Primaria e Secundaria,” reunido na Bahia, em julho de 1913, é completamente inédita, por não haverem sido publicados os trabalhos do mesmo certamen, hoje recolhidos ao archivo do Instituto Historico daquelle Estado.

As origens do Português

Objecto das pesquisas de tantos sabios, dando logar a controversias e a discussões, o problema da origem da linguagem, é o problema da origem do homem. Ou seja *monogenica* como diz a Biblia, ou *polygenica* no dizer de estudiosos, com Hovelacque á frente, a resolução de um problema importa na resolução do outro. Admittida porém qualquer das duas opiniões, resta saber quaes foram as primeiras manifestações da linguagem. Continuamos no terreno das hypotheses.

Tenha sido a colera, a surpresa ou a dôr a fazer vibrar em interjeições o incipiente aparelho glottico dos nossos remotissimos antepassados, ou tenha Adão recebido com a vida o dom da palavra, ou os ruidos da natureza, o rugir do leão, o miar do tigre, tenham incitado os primeiros homens a enunciar os primeiros sons por *onomatopéa*, somente supposições encontra diante de si quem medita nesses problemas. A linguagem, conjuncto de sons articulados, com que o homem exprime suas idéas, tendo feito até o dia de hoje seu longo caminho, continuará sempre a progredir e a se transformar emquanto houver uma creatura que pense e outra a quem ella possa comunicar esse pensamento. Como porém occorrem essas transformações que marcam o caminho da linguagem desde sua origem? Só de ha poucos annos é que, além de examinar o sentido da palavra e a sua relação com as outras na phrase começaram os grammaticos a estudar o mechanismo de sua pronuncia.

Segundo A. Dauzat, "como instrumento de pensamento, a linguagem tem que ver com a psychologia, como facto social alcança a sociologia e como agrupamento de sons articulados depende da anatomia, da physiologia e da physica". (1)

Na verdade o estudo racional da linguagem tem que começar pela estrutura dos órgãos emissores de sons articulados.

A palavra falada começando no pulmão que emite o ar, continua pela larynge, cordas vocaes, véo palatal mais ou menos abaixado, até a sua enunciação pela bocca ou pelo nariz. A physica na parte da acustica tem que ver com o som em si mesmo, que, como o som musical, tem as quatro propriedades: duração, altura, intensidade e timbre.

Conhecida a maneira de emittir o som, é que se póde comprehender as transformações phoneticas e por consequencia a razão das variedades linguisticas. Cada povo tem o aparelho phonador adaptado aos sons peculiares á sua linguagem, e dahi a difficuldade de se falar uma lingua estrangeira. O sotaque nada mais é que a resistencia do aparelho phonador á pronuncia de sons estranhos.

Os que me leem, hão de já ter observado quanto é difficultoso ás gargantas brasileiras a pronuncia do *u* ou do ditongo *eu* francez.

A diversidade de linguas que a Biblia explica como o castigo imposto por Deus ao orgulho humano na construcção da torre de Babel, tem sua explicação logica e racional, nessa tendencia irresistivel e inconsciente de toda a linguagem em se transformar sempre, ao influxo diverso das condições do meio e do clima agindo sobre os órgãos da phonação. As condições politicas, depois, fortificando e desenvolvendo uma lingua em detrimento de outras, completam esse trabalho de transformação, com a absorpção do menos forte pelo idioma mais forte e mais culto.

Para o estudo e a classificação das linguas actualmente faladas no globo, os glottologos apoiaram-se, como primeiro elemento, na singularidade dos phenomenos

(1) A. Dauzat—La philosophie du langage—30.

linguísticos. Toda a idéa como toda expressão, diz Dauzat, tem apoio em um facto. Si duas linguas offerecem uma série de concordancias e affinidades concretisadas no seu vocabulario e na sua grammatica, deve-se concluir que essas linguas são aparentadas. Foi com o estudo comparado das varias linguas faladas hoje em dia nas cinco partes do mundo, que se chegou ao admiravel resultado já alcançado. Com os elementos de que dispõe actualmente, não póde porém o glottologo ir mais longe, até resolver o problema da unidada ou pluralidade da linguagem humana.

São oito as principaes familias linguisticas, cujos membros tem uma origem commum :

RAMOS		
Indo Européa	asiatico { indico iranico	português hespanhol francez provençal italiano rumeno rhetico
	europeu { italico hellenico germanico celtico slavo lettico	
Indo Chinez	tibetano birmano chinez siamez	
Dravidica	tamil telugu canarim outros dialectos menos importantes	
RAMOS		
Malaio-polynesica	melanesio—As linguas das ilhas Melanesias.	
	polynesio—As linguas das ilhas da Polynésia	
	malaio—Numerosos dialectos da ilha de Sunda, peninsula de Malaca e ilha de Madagascar.	
RAMOS		
Uralo-altaica	finno-hungaro { finlandez esthonio livonio lapão hungaro ostiac wogul zerinio wotiaco mordwino	
	samoyedo { cinco dialectos falados pelos povos hyperboreos do mar do norte ao Jenissel e ao longo deste rio até Altai.	
	turco ou tartaro { dialectos dos yakutos baskires kirghis uigures usbeques turcomanos osmanlis	

cafre ou bantú { os dialectos indigenas de toda a Africa austral excepção feita dos dialectos dos hotentotes e boschimanés.

Khamitica { antigo egypcio (a lingua dos hieroglyphos)
eoptico (proveniente do antigo egypcio hoje em desuso)
antigo lybio (restam inscripções)
lybio moderno ou berber
diversos dialectos constituindo um ramo ethyopico.

RAMOS

Semitica { **araméo-as-** { assyrio (lingua da antiga Assyria)
syrio { chaldeu { dialectos aramaicos.
 syriaco
chananeu { hebreu
 phenicio
arabico { arabe propriamente dito
 diversos dialectos da Arabia e da Abyssinia.

Dessas oito familias, a indo-européa é a mais estudada, tendo modernamente se creado toda uma literatura em torno das linguas neolatinas, uma subdivisão do ramo italico.

2—O portuguez, uma dessas linguas, teve sua origem na parte occidental da peninsula iberica.

A peninsula iberica, constituida pela Hespanha e Portugal, foi desde tempos immemoraveis alvo da cubica de povos diversos, não só pelo seu clima, como pela sua posição geographica á entrada do Mediterraneo.

Varrão, historiador romano do seculo I a. C. dá noticia dos iberos, celtas, persas, phenicios, gregos e carthagineses, que occuparam successivamente varias regiões da peninsula, nella fundando colonias.

Quem eram os iberos? Não se chegou ainda a uma conclusão segura a esse respeito. Os bascos, estabelecidos na vertente franceza e na hespanhola dos Pyreneus são tidos como remanescentes desse povo.

Guilherme de Humboldt, o primeiro que tratou desse assumpto ha mais de um seculo, conclue por esse parentesco, e, apoiados nos nomes encontrados em toda a Hespanha com correspondencia na lingua

euskara, affirmam sabios modernos a afinidade dos dois povos.

Recentemente entretanto, outros estudiosos levantaram um edificio de hypothes totalmente contrarias. Segundo J. Vinson e outros, Bascos e Iberos são aborigenes. E. Philipon, por sua vez, negando a afinidade das duas raças, explica o seu apparecimento, dizendo ter existido no sudoeste europeu um povo prehistorico, não ariano, do qual os bascos são os ultimos vestigios. Este povo porém foi combatido pelos Iberos, uma raça invasora indo-européa, que o obrigou, depois de desaloja-lo, a ganhar o refugio dos contrafortes dos Pyrneus onde ainda hoje permanece. Assim os bascos de hoje, como os Iberos, permanecem uma interrogação, havendo quem lhes vá procurar a origem entre os Egypcios, ou entre os Coptas.

G. Philips chega a aparentar o basco a certa raça americana, tendo havido quem procurasse os Iberos entre os dez milhões de homens, que, como narra Platão no *Timeo*, conquistaram a Europa occidental vindos da Atlantida nove mil annos antes de Christo.

Entre tanta opinião desencontrada, P. Savj Lopez que trata circumstanciadamente do assumpto, e onde encontrô estas notas, até que qualquer descoberta lance nova luz sobre a questão, conclue pelo parentesco dos Iberos e dos Bascos que dominaram juntos a peninsula Iberica, dominio depois limitado pelos Phenicios, ao sul, Gregos ao nordeste e Celtas ao centro.

A lingua euskara ou basca, ainda hoje falada, pelo facto mesmo de se ter refugiado o povo basco nos alcantis asperos dos Pyrneus, pouca influencia exerceu sobre o hespanhol e sobre o portugûes.

Quanto ao iberico, quasi de todo desconhecido, apenas atravez do basco deixa suspeitar actualmente sua existencia. Muitos termos geralmente tidos como de origem iberica, vieram para o portugûes atravez do latim.

Balsa (latim Balsa) que é tido como ter-

mo iberico tem contra si a opinião abalada de Meyer-Lübke. *Lousa* (latim Lau-sa) é dado como iberico ou gallico. *Gordo* (latim Gurdus) que Quintiliano dá como iberico é tido por M. Lübke como latino. Querem os linguistas que sejam vozes ibericas os suffixos *orro* e *arro*, de origem basca.

Palavras portugûesas provenientes do basco temos: esquerdo (basco *ezker*) gorro (basco *gorri*); cachorro (basco *zakur*); bizarro (basco *bizar*) e poucas mais pela razão já exposta das condições geographicas do povo basco, isolado em asperas regiões de montanha, de communicações difficéis.

Outro povo prehistorico sobre o qual é tambem vaga a noção dos sabios, é o povo Celta. Os Romanos que lhe soffreram a invasão no anno 396 a. C., pelo habito de suppor Germanicos todos os barbaros do norte, não deixaram sobre elle estudo particular. Parece ter sido sua região de origem, o medio e o baixo curso do Rheno, ficando assim collocados entre os povos mediterraneos e os barbaros Germanicos. P. Sayj Lopez, procura seguir-lhe a rota atravez da Europa: dotados de notavel força de expansão, os Celtas, que em epocha remotissima já tinham invadido as ilhas britannicas, conquistam a Italia e se apoderam de Roma no anno 390, e tendo dominado quasi toda a Europa Central invadem a peninsula balkanica, conquistam a Macedonia no anno 280, depois da morte de Alexandre, e fundam um reino independente na Asia Menor.

No seculo V. a C. mais ou menos, transpõem os Pyrneus e derramando-se pela peninsula Iberica, estabelecem-se no centro e no occidente, na região que é hoje Portugal.

Ahi confundem-se com os Iberos, donos do paiz fundando a raça Celtiberica.

De toda a região conquistada, sómente nas ilhas britannicas deixou o Celta traços indeleveis no grupo *gaelico*: o *cornico* que ainda se falava no Cornualis no seculo

XIX, o *cimrico* falado no paiz de Galles e o *armoricano* que se fala na Bretanha, a antiga Armorica.

Na Iberia, os Celtas, ainda que conquistadores, parece que ao se fundirem com os Iberos, perderam a sua personalidade e a sua lingua, tanto assim que na conquista romana, depois das guerras punicas, foi com os Iberos que as aguias imperiaes tiveram de lutar.

Algumas vozes celtas, entretanto, existem no português, vindas para a lingua por intermedio do latim que vehiculou tambem os sons ibericos.

Douro será uma palavra celta, originada de *durum*—porta—como *briga* palavra celta significando “altura” permanece em *Conimbriga* actual *Coimbra* e em *Segobriga*—*Segovia*. São tambem de origem celtica: *carro*, *bragas*, *cerveja*, *saio*, *bico*, *grenha*, *iva*, *truão carpinteiro*, *rego* e algumas mais.

Os phenicios que se julga terem passado pela peninsula 2000 annos a. C. a exemplo dos Gregos e dos Carthaginezes, occuparam apenas o littoral onde fundaram colonias, com o fim de proteger o seu commercio, e sem intuitos de dominação e conquista. No interior da região, os Iberos tinham seu dominio tranquillo.

Reminiscencia da passagem phenicia, no português, são as palavras *atum*, *barca*, *mamona*, *mappa*, que têm aquella origem.

Carthago, uma colonia phenicia, sonhou reunir sob sua chefia todas as colonias phenicias do Mediterraneo, ligando-as em federação, para se oppor ao crescente poderio dos gregos, que, de posse de uma cultura superior, tinham introduzido na região Iberica o alfabeto recebido dos phenicios e por elles aperfeiçoado, e iam grandecendo uma influencia cada vez maior.

Mas esse poderio de Carthago, era uma ameaça á Italia, e Roma resolveu fazer a guerra que iria levar á peninsula Iberica em 226 a. C. as aguias romanas, para a conquista de uma riquissima provincia,

abrindo um dos mais fecundos capitulos de sua historia.

3—As legiões romanas, em luta com os carthaginezes, batidas a principio, foram enfim vencedoras, e foi destruida Carthago e abatida sua força, no anno 206 a. C. por P. C. Scipião, o Africano.

Vencida Carthago, os romanos permaneceram na Iberia como senhores.

A dominação completa da peninsula, só occorreu, porém, duzentos annos depois, sob Augusto, no anno 18 a. C. E' que os Iberos, tendo se alliado com os Romanos contra Carthago, oppuzeram depois formidavel resistencia á Roma, quando lhe perceberam os intuitos de conquista.

Por esse tempo o Imperio Romano, forte pela sua politica sábia e pelo prestigio e disciplina de sua legiões, estendia-se por quasi todo o mundo conhecido. Na Iberia, depois da victoria, começou o trabalho de assimilação dos povos que a habitavam.

As colonias de penetração, levando consigo uma civilisação florescente, as estradas que faziam a ligação com a Metropole, as escolas publicas, de tal maneira agiram na romanisação da peninsula, que no anno 74 d. C. Vespasiano dava á toda ella o direito de cidadania latina. A Hespanha deu a Roma poetas e escriptores notaveis como os dois Senecas, Lucano, Marcial, Columella, Quintilliano e os imperadores Trajano e Adriano.

No seculo II, já era o latim a lingua da região, tendo seus habitantes esquecido o iberico e o punico.

O latim era primitivamente um rude dialecto de origem ariana, falado no *Latium*, região entre a Etruria e a Campânia, na Italia Central, e cujo nome, segundo Guardia, vem da configuração da planicie em que era situada.

Varrão attribue a origem do nome *Latium* a *Latinus*, rei de Albalunga capital daquella região. Outros querem ainda procurar suas origens no verbo *latére*, occultar-se, baseados na lenda que faz Satur-

no, destronado por Jupiter, ter-se occultado na região do Latium.

E' referindo-se a essa lenda que Virgilio escreveu o verso: "*Seu vos Hesperiam magnam Saturniaque arva.*" (1)

Os romanos quando conquistavam um paiz, a par de suas leis, seus costumes e religião, impunham-lhe sua lingua, como meio seguro de tirar-lhe a nacionalidade. Na peninsula Iberica, o processo foi seguido com tantos fructos, que um seculo depois de conquistada, já era completa a sua romanisação, tendo desaparecido a idéa de independencia para subsistir só o nascente espirito de latinidade.

Foi essa politica habilissima que permitiu a Roma dominar regiões tão dilatadas, que iam da Africa ás ilhas Britannicas.

E' sabido que o latim falado na Hispania, como nas demais provincias romanas, era o latim popular. Isto torna-se claro quando se observa que a lingua era introduzida pelos legionarios, pelos commerciantes, lavradores, colonos, emfim pela poderosa massa humana que ia absorver a nova população barbara, e esses legionarios e colonos só conheciam o latim vulgar, a unica lingua na realidade falada no Imperio.

Mas em geral, quando se fala em latim popular, em confronto com o latim litterario é para dar ao primeiro um caracter de inferioridade.

Entretanto o latim popular sendo uma lingua falada, deve ser chamado propriamente o "latim", por conter em si todas as energias e todas as faculdades vitales da lingua. O latim litterario nasceu da necessidade de uma lingua mais elegante e pela influencia do grego, que sendo um idioma polido, disciplinado pelas regras de grammatica e pelas fixações syntaticas, provocou nos homens de letras romanos deslumbrados pela cultura grega, o desejo de possuir uma lingua igual.

Então o latim popular, foi immobilizado em normas fixas, foi codificado em formulas de syntaxe que o estabilisaram, fazendo-o resistir a toda a longa vida do Imperio, e atravessar o seu desmoronamento até os dias de hoje.

Isto só pode acontecer, justamente por ser o latim litterario uma lingua artificial, uma lingua feita para a erudição e para a cultura, e que por não ser falada, não esteve sujeita ás evoluções incessantes de toda lingua viva.

O "latim", isto é, a lingua falada, o latim chamado popular, ao influxo de influencias e contactos cada vez mais frequentes com povos e raças extranhas, continuou seu caminho, enriquecendo-se e transformando-se.

O latim falado na peninsula Iberica, de transformação em transformação, veio acabar no hespanhol e no portuguez que não são filhos do latim, mas o proprio latim evoluido.

Além dessas duas formas, ha ainda o *baixo latim*. E' o latim litterario da idade media. Os letrados de então, tentavam num ultimo esforço, conservar a lingua litteraria; foram obrigados, porém, a introduzir não só numerosos termos novos do falar popular, como mesmo idiotismos vulgares. Elles escreviam para os seus contemporaneos, e nesse tempo, de tal forma estava alterado já, no falar do povo, o latim, que a lingua classica não seria mais comprehendida.

"Latim *barbaro*, é outra classificação, a meu ver, desnecessaria. Quando já desaparecido o latim como lingua falada, transformado nas varias linguas néo-latinas, e antes da regularisação destas, os documentos officiaes, as escripturas publicas, eram ainda redigidas naquelle idioma. Os escriptores, habituados a graphar aquellas formulas das quaes não comprehendiam mais a significação, deturpavam-nas, estropiando o latim.

A esses escriptos, fructo da ignorancia de escriptores, eivados de erros grosseiros,

(1) Virgilio, Eneid, I. 514.

tendo apenas para os dias de hoje a utilidade dos termos da lingua falada então e que eram mesclados de envolta com as formulas do officio, querem alguns linguistas honrar como documentos para uma classificação especial do latim, o que é levar longe de mais a preocupação de catalogar e ordenar.

Na península Iberica, tal qual introduzido na conquista, o latim foi a lingua do povo do seculo II ao V.

Nesse seculo, a lingua já enriquecida com alguns termos tomados aos phenicios, aos iberos e aos celtas, soffreu uma nova e grande influencia, ao mesmo tempo que a situação politica então inaugurada, quebrando os élos que uniam a Hispania a Roma, dava livre curso á evolução linguistica, que, liberta do freio imposto pelas escolas publicas e pela dependencia politica, iria caminhar entregue a todas as tendencias ambientes, para a formação dos idiomas neolatinos.

4—O imperio romano abatido, exgotado, depois do formidavel esforço de criar a sua admiravel civilisação, ameaçava desmoronar.

A capital não era mais Roma. Tinha sido transferida para Bizancio, e Roma era uma provincia daquelle organismo prestes a se esboroar.

As tropas, compostas na sua maioria de elementos gaulezes e germanicos governavam de facto, apesar de ainda reinarem os imperadores.

No anno 476 a soldadesca depoz o ultimo imperador romano Romulo Augustulo e proclamou rei o seu chefe Odoacro. Era o desmoronamento.

Theodorico á frente dos Ostrogodos descendo do Danubio sobre a Italia em 489, abateu Odoacro, pediu a Bizancio a investidura real, e nominalmente era subdito do imperio.

Mas o immenso edificio estava cahindo aos pedaços e o povo não tinha mais aquella admiravel energia que presidira á fundação da patria romana.

Theodorico, em breve, fez-se rei independente, desaparecendo assim o Imperio do Occidente. Os Visigodos em 412 no reinado do imperador Onorio tinham conquistado a Aquitania e descido sobre a península Iberica.

Já nos primeiros annos do seculo, os Vandalos bem como os Alanos e Suevos, depois de devastarem a Gallia tinham se arremessado sobre a Hespanha.

Os Visigodos aniquilam a esses barbaros e fundam o imperio Visigothico da Hespanha que deveria durar até a conquista arabe em 711.

Conquistando a Hespanha, toda cheia da esplendida civilisação romana e completamente latinizada, os Visigodos adoptaram o latim como sua lingua.

E' que, mesmo vencedores, foram forçados a reconhecer a superioridade da civilisação romana, como os romanos ao conquistarem a Grecia, diante da alta civilisação hellenica, adoptaram a sciencia grega, ao ponto de em Roma todo patricio de educação cuidada conhecer o grego tão bem quanto o latim.

Marco Aurelio, o sabio imperador romano, escreveu os seus 12 livros de "*Pensamentis*", em grego. Eutropio, historiador romano, falando de Tito, imperador, diz: *Causas latine egit, poemata et tragædias græce composuit.* (Apud Pupo - Ravizza Gram). Cicero dá bem idéa do prestigio da lingua grega naquelles tempos: "*Nam, si quis minorem gloriæ fructum putat ex græcis versibus percipi, quam ex latinis, vehementer errat*". (1)

Na lingua portugûesa, o germanico deixou numerosas palavras,

Muitas dellas vindas atravez do primeiro contacto de Roma com os barbaros germanicos, são communs á todas as linguas neo-latinas.

São palavras de origem germanica arcaica que entraram para a lingua latina antes das invasões, quando a força de ex-

(1) Cic. Pro Archia, X.

pansão do Imperio, punha suas legiões em frente aos barbaros, submettidos ou em lucta, estabelecendo assim um patrimonio que iria depois ser dividido por todas as provincias onde o latim era falado.

Burgs, germanico passou para o latim, *Burgus*, que deu *borgo* em italiano, *bourg* em francez, *burgo* em hespanhol e portugûês.

Germanico, *harpa*; *harpe*, francez; *harpa*, catalão, provençal, hespanhol e portugûês. Da mesma forma *werra*, *guerra*, *wisa*, *guisa*, *raubon*, roubar, *helmo*, elmo.

Ribeiro de Vasconcellos e com elle todos os grammaticos que teem tratado sobre o Portuguêz historico, ensinam que, por influencia do *w* germanico, as palavras latinas começadas por *u* consoante desenvolvem ante si um *g*; (1) assim de *uastare*, gastar; *gater*, fr. *guastare*, it. *vulpicula*, golpelha. Savj Lopez diz porém que ha nesses casos uma confusão do som latino com o germanico. *Uastare* junto ao germanico *wastjan* dá gastar. Da mesma fórma é explicado o fr. *gué*, como o it. *gualdo* vindos do lat. *vadum* em contacto com o germ. *waida*.

O fr. *haut*; lat. *altu*; germ. *hoh*; isto pelo facto do *w* germanico soar em algumas regiões de idioma latino. como *gw*.

Outras palavras germanicas vieram para o portugûês por intermedio dos Godos. depois do seculo V.

Mas é difficil estabelecer o criterio de differenciação.

Póde-se entretanto dizer attendendo-se a que os Godos permaneceram na Italia e na Hispania, unicas regiões onde ficaram essas palavras, que são da segunda epocha as seguintes : tregua, gothico *triggwa*.; garbo, got. *garwi*; Guimarães, got. *Wimaranes* e outras.

Algumas palavras germanicas vieram para o portugûês por intermedio de outra lingua: *gardo* deu *jardin*, em fr.; o portugûês *jardim* é um francezismo, como *bru-*

no, segundo a opinião de Meyer-Lübke é o germanismo do germ. *bruns*.

O poderio gothico conservou-se na península até o seculo VIII.

5—Em 711, os Arabes atravessando o estreito de Gibraltar, se apoderaram de toda a península Iberica, estendendo-se mesmo até a França donde foram porém definitivamente repellidos em 759.

Com uma civilização muito mais refinada que a dos povos da península, enfraquecidos e barbarizados pelas invasões, os Arabes tornaram-se o centro de cultura de todo o paiz. Entretanto apesar do longo convivio com uma raça superior em força e em civilização, a lingua latina falada na Hispania não desapareceu e o Arabe não a poude absorver.

Contribuiu para isto a formidavel resistencia das populações durante os setecentos e poucos annos da dominação arabe, como tambem o antagonismo das duas linguas. o latim da familia ariana e o arabe da semitica.

Foi durante esse longo periodo que o latim falado na faixa occidental da península, assumiu o caracter definido de lingua autonoma.

Si bem que tropega e cheia de indecisões, já era a lingua portugûesa.

Muitas palavras arabes, (cerca de 250) ficaram para attestar o longo convivio dos dois idiomas, a maior parte com o artigo *al* juxtaposto.

O arabe deixou traços tambem no italiano com a conquista da Sicilia, das ilhas Baleares, Corsega, Sardenha e Malta. Algumas palavras arabes, porém, ficaram apenas, no hespanhol e no portugûês.

Ex.: *Amrá*, port. amarello; *ard*, alarde; *challak*, afagar; *daiah*, aldeia; *gannam*, ganhão; *gari*, garrido; *keré*, alqueire; *mausin*, monção; *moghadda*., almofada; *mosrif*, almoxarife; *qaid*, alcaide; *ras*, rez; *en sha Allah*, oxalá. Outras ficaram tambem no italiano: *amara* it alamari; port. alamares; *faris*, it alfiere; port. alferes; *fondak*, it. fondaco; port. alfandega;

(1) — R. Vasconcellos — Gramm. Historica — 59.

qaçr, it cassero; port., alcacer; *shaka*, it. acciaco; port. achaque.

Emfim muitas outras palavras arabes ficaram não só no portuguez como no hespanhol, francez, italiano e dialectos.

Entre outras, *al'ud*-alaude; *anbar*-ambar; *cifr*-cifra; *çoffa*-sofá; *darçanah*-arsenal; *diwan*-aduana; *farfar*-fanfarrão; *ka-ra'a*-garrafa *g'abr*-algebra; *maysen*-armazem; *qirmisi*-carmesim.

E' quasi na sua totalidade composta de substantivos a contribuição arabe no portuguez. Uma só preposição veio dessa fonte para o nosso idioma: *hatta*, que no portuguez archaico soava *ataa*, *atá* e hoje se pronuncia *até*; *hesp.* hasta.

P. Savj Lopez onde bebo as citações do presente artigo, dá com toda a singeleza a origem acima de até (1). Entretanto, é conveniente adiantar que é uma palavra cuja etymologia ainda não foi explicada com segurança.

Souza da Silveira ao dar a origem das preposições, põe diante de *até* uma interrogação. (2) Ribeiro de Vasconcellos lembra o etymo *ad tenus*, mas põe também uma interrogação, denunciadora da origem duvidosa. (3).

Othoniel Motta citando a opinião de J. Nunes, dá como origem *ad tenes*. (4)

O portuguez archaico tem as formas *ataa*, *atá* e *attens*.

Bem pôde a forma actual ser resultante da confusão das duas fórmulas, latina e arabe, como a confusão da fórmula latina *uas-tare* e da germanica *wastjan* deu gastar. (5). Mas a discussão dessa hypothese fóge à indole deste artigo.

A expulsão definitiva dos Arabes em 1492 veio encontrar Portugal já com sua independencia politica e o portuguez em caminho de se tornar a lingua harmoniosa e rica que hoje é.

Os documentos mais antigos da lingua, dos annos de 1185 e 1192, são uma noticia particular conhecida por "Noticia de torto" e uma carta de partilhas.

Nesses dois documentos, atravez das palavras ainda com o cunho latino, mas já accentuadamente distinctas, adivinha-se a nova lingua em formação, que, si não é ainda o portuguez, não é mais o latim.

Julio Nogueira divide nos seguintes periodos o desenvolvimento da lingua portuguesa :

I—Latim popular.

II—Lingua de transição—(do seculo VIII ao XII. Romance).

III—Portuguez falado e escripto—A começar do seculo XII (Portuguez archaico).

IV—Disciplina grammatical — Seculo XVI.

V—Portuguez classico — Seculo XVI e XVII.

VI—Portuguez moderno — Do seculo XVIII até nossos dias.

O portuguez archaico, como lingua que começava a sua vida autonoma, iniciando os primeiros passos sem leis que o fixassem e sem codificações que servissem de norma aos que escreviam, caminhava ao sabôr das tendencias ambientes, com mil indecisões syntaticas e orthographicas.

Logo ao nascer, a litteratura portuguesa soffreu a influencia de uma litteratura extranha, a provençal.

A Provença, a *provincia Narbonensis* do Imperio Romano, pela sua posição geographica, fóra do caminho das invasões, pode gozar de tranquillidade e de paz para desenvolver sua indústria e seu commercio, enquanto o resto da França se debatia em meio ao tumulto das guerras. O renome do provençal e a sua influencia sobre outras litteraturas, nasceu com os trovadores.

O primeiro de que se tem noticia, Guilherme VII conde do Poitou e duque D'Aquitania, ennobrecendo a arte de trovar, influiu para o grande surto do trova-

(1) P. Savj Lopez—Le origine neolatine—312.

(2) S. Silveira—Lições de Portuguez—132.

(3) R. Vasconcellos—Grammatica Historica—114.

(4) Oth. Motta—Meu idioma—59.

(5) Savj Lopez—Obr. cit.—284.

dorismo, que triumphou emquanto nas cortes feudaes os trovadores encontravam acolhimento carinhoso, e isto do seculo XI até metade do seculo XIII.

Com a queda de feudalismo provençal, que a favorecia, desapareceu a trova que era a mais alta expressão da lingua, e com a queda da trova o provençal perdeu o seu brilho, desaparecendo sua influencia.

Antes da cruzada contra os Albigenses de Tolosa, que foi o inicio do desaparecimento do feudalismo provençal, já os trovadores tinham invadido as cortes visinhas da Catalunha, do Aragão e de Portugal e essa emigração accentuou-se no seculo XIII, quando já na Provença não existia mais a côrte protectora dos vates.

No português a lyrica provençal teve grande influencia, principalmente por aparecer quando a lingua surgia formada e autonoma, mas indecisa e titubeante, do chãos das invasões que desde o seculo V tinham começado a alterar e a transformar o latim falado na Hispania.

A lingua portugueza, sob o influxo trovadoresco, tomou grande desenvolvimento nos reinados de D. Affonso III e de D. Diniz que se fez trovador á moda provençal.

Só no anno de 1400, porém, sob D. Pedro I, teve ella sanção official, sendo nella, desde então, escriptos os documentos publicos.

Mas, sem disciplina grammatical, cheia de confusões e dubiedades, havia duas e mais fórmãs para uma mesma palavra, e esse syncretismo vocabular caracteriza o português archaico, do seculo XII ao XVI.

São communs numa mesma pagina de litteratura da epocha, as formas *entre* e *entre li*, *le*, *lhi*, *lhe fece*, *fez*, etc.

O movimento do Renascimento, começado na Italia, alcançou em Portugal, seu mais alto grau de esplendor no seculo XVI.

O latim foi novamente estudado com cuidado e amôr e os letrados despresando as palavras vulgares, evoluidas naturalmen-

te e em obediencia ás leis phoneticas, foram buscar no latim a palavra original trazendo-a para a lingua.

O verbo "œdificare", latino, por exemplo, produzira por meio de transformações naturaes, o verbo português *eivigar*, comum nos documentos do português archaico, que reflectiam o falar do povo.

Os eruditos, abandonando, no calor do entusiasmo pela latinidade, a palavra formada em obediencia á lei phisiologica do menor esforço, adoptaram o termo *edificar*.

Pela tendencia natural da gente ineulta em imitar as pessôas letradas, a palavra *eivigar* desapareceu, mesmo no falar do povo, para subsistir apenas o termo erudito.

Outras palavras, porém, resistiram á innovação, e como por sua vez a corrente erudita não abandonou o novo termo, ficaram os dois na lingua.

E' o caso de *cheio*, que sendo a evolução phonetica do latim *plenum*, conservou-se no português ao lado de *pleno*, criação erudita.

A' parte o beneficio geral do amôr aos classicos gregos e latinos e ao apuramento da linguagem, trouxe o movimento da Renascença em Portugal o enriquecimento da lingua com as fórmãs divergentes.

O seculo XVI viu tambem o passo inicial que levaria o português á sua posição actual de lingua culta.

Fernão de Oliveira em 1536 escreveu a primeira grammatica portugueza, seguida quatro annos depois por outra de João de Barros, o historiador, iniciando-se assim o periodo classico da lingua, com a disciplina reguladôra, as indecisões cedendo o lugar ás regras e normas grammaticas.

No mesmo seculo foi o português transplantado para o Brasil, nelle se enriquecendo com cerca de 5000 termos novos, adoptados da lingua tupy-guarany, adquirindo vigor e colorido ao influxo de um ambiente novo, cheio de novas energias.

Hoje, com uma litteratura vasta e riquissima, nada devendo ás suas irmãs novi-

latinas em plasticidade e em sonoridade, a lingua portuguesa tem diante de si um futuro brilhante.

Meio de communicação de 35 milhões de homens, só no Brasil, ha de ser uma lingua cada vez mais rica e mais forte, pois quando os povos crescem,—e o Brasil marcha pujante e radioso—si não é pelo vigor e pela expansão de sua lingua que esse progresso primeiro se manifesta, é por esse vigor e por essa expansão que elle se perpetua.

Mario Marroquim

O trabalho do homem,
é tanto mais productivo,
quanto mais cultivada a
sua intelligencia.

Horacio Greeley

15 de Março

O GRUPO ESCOLAR "DR. DIEGUES JUNIOR" REMEMOROU ESTA DATA

Commemorando a data anniversaria da abertura de nossa primeira Assembléa Legislativa, o Grupo "Dr. Diegues Junior", pelo seu esforçado Director Sr. Craveiro Costa, promoveu uma sessão, tendo a professora senhorita Quíteria Leite Passos, lido perante os alumnos a seguinte lição civica :

Creanças !

Designada pelo Sr. Director para dissertar sobre a data de 15 de Março de 1835, isto é, avivar na memoria dos alumnos que conhecem o seu valor historico, e ensinar aos pequenos, aos mais atrasados, o porquê da festa de hoje, sinto-me que não estarei á altura do thema e que o não descreverei tão bellamente como meu pa-

triotismo o exige. Mas, para supprir tamanha escassez de pensamentos, sobramme patriotismo, amôr verdadeiro á terra de meu berço, desejos fervorosos para que sejais amanhã a mais bella e consoladora realidade de servidores leaes, e devotados á causa de nossa terra.

Alagôas, pequenina estrella da constelação brasileira, pertencia outrora a Pernambuco, do qual recebia os pallidos reflexos da luz que illuminava em o altivo Leão do Norte.

Era notavel o ascendente que essa capitania exercia sobre os filhos de Alagôas que, não se adaptando a essa vida dependente, aspiravam dias mais radiosos, desenvolvendo gradativamente as suas energias e riquezas. Para sua grandeza, bastar-lhes-ia o magestoso S. Francisco, correndo ao sul, fertilizando as varzeas pelas suas inundações bemfazejas,

O sentimento democratico e o ideal de independencia de que davam mostras inequivocas os filhos de Alagôas, como tambem os serviços prestados por elles na debelação da tragedia sanguinolenta de 1817, que teve como scenario a "arena pernambucana", induziram o governo portugues a decretar, em pouco tempo, a emancipação politica de nossa terra.

Alguns annos depois, creanças, quebrando-se os grilhões que nos prendiam a Portugal, e, ecoando de norte a sul, o brado de "Independencia ou Morte" vibrado a 7 de setembro de 1822 ás margens do Ypiranga, Alagôas freuiu de patriotismo, acclamando delirantemente o Principe Regente, disposta a combater com todo fervor a malefica influencia do jugo lusitano.

A regencia de D. Pedro foi assignalada por muitas lutas politicas, oriundas todas da situação mal definida em que se encontravam os brasileiros após a partida de D. João IV para a Europa,

Penosas eram as condições em que se viam

os nacionaes do norte, reduzidos á infima situação de miseros escravos.

Aqui, em nossa querida Alagôas, o odio existente entre brasileiros e portuguezes era ferrenho, terrivel, indestructivel. Tal sentimento era constantemente demonstrado por ditos picantes e quadrinhas satyricas lançados á face do portugûês, que ainda cheio do poderio antigo, procurava obstar a marcha da conquista civilisadora.

Esses factos tomaram um character tão assustador, que o portugûês, na rua e mesmo no lar, era cruelmente escarnecido por versinhos jocosos, nos quaes o seu physico achamboado e a sua fala eram tristemente zombados. Eis ainda uma quadrinha que rememora aquelle tempo :

“Marinheiro pé de chumbo,
Calcanhar de frigideira,
Quem te deu essa ousadia
De casar com brasileira ?”

Vêde, pois, creanças, qual era a situação de nossa amada terra, quando aqui chegou a noticia da abdicção de D. Pedro I, occasionada por questões de nacionalidade e de politica. As rixas já existentes entre brasileiros e portuguezes azedaram-se cada vez mais, provocando serios e constantes disturbios em varios pontos de nosso Estado. E, não podeis calcular, creanças, como foi grande a obra dos administradores de nossa terra, os quaes, por sua moderação, profundo sentimento de abnegação e de confiança na protecção de Deus, sustiveram a marcha avassaladora da anarchia que, terrivelmente, ameaçava a organização politica e social de nossa terra. Accresciam a tudo isso as divergencias politicas, oriundas das illegalidades das eleições provinciaes. As comarcas de Alagôas e Atalaia gosando sempre de grande privilegio junto ao Governo, supplantavam os demais collegios eleitoraes

da provincia. Muitas vezes para acalmar os animos, o Governo tomando sobre si a responsabilidade, mandava proceder nova eleição. Quando foi para a eleição da primeira Assembléa Provincial no dia 12 de agosto de 1884, deram-se factos lamentaveis, por faltarem á eleição os requisitos indispensaveis á livre representação popular. O Governo, para evitar o derramamento de sangue, tomou a deliberação de mandar proceder nova eleição para deputados provinciaes o que se verificou no dia 15 de Janeiro de 1835. A presidencia levou tudo ao conhecimento do Governo geral que nada decidiu por saber que o conhecimento do negocio competia á Assembléa Legislativa Provincial que, reunindo-se no dia 14 de março de 1835, aprovou a segunda eleição como legal, usando da palavra na occasião da abertura, o tenente-coronel José Joaquim Machado de Oliveira que havia chegado três meses antes, nomeado presidente da provincia.

O Governo então para solemnizar o dia da installação da 1.^a Assembléa Legislativa da Provincia das Alagôas, considerou feriado o dia 15 de março.

Taes são, meus amigos, os ligeiros traços que logrei reunir da nossa querida Alagôas ainda em formação até a epoca presente, em que, cheia de fé no futuro, espera que vós, pequeninas vergontes ainda, sejais amanhã os operarios exemplares, os empregados uteis, os paes educadores, os pensadores sabios, os cidadãos benemeritos. Por isso, deixae que eu vos repita: estudae de bom grado, venerae vossos paes, estimae vossos mestres, honrae o trabalho e respeitae vossa escola; porque assim praticando, a Patria bemdirá a vossa victoria e saudará triumphante, por obra vossa, a bandeira da civilização, glorificada pelo genio e santificada pelo vosso amôr.

— **Ensinar, é aprender duas vezes.—** JOUBERT —